



ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS DA EDUCAÇÃO: TELEVISÃO E ESCOLA, UMA INTERAÇÃO POSSÍVEL¹

ROSELI PEREIRA NUNES²; CLÁUDIA SANTOS DE OLIVEIRA³; MATHEUS
PEREIRA MATOS FELIZOLA⁴; & MARIA JOSÉ NASCIMENTO SOARES⁵

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, SÃO CRISTÓVÃO, SE

Resumo: O presente artigo tem por objetivo abordar questões a propósito da notória necessidade da inserção dos conteúdos de programas da TV no processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas salas de aula. Parte-se do pressuposto de que desde a década de 1950, quando foi trazida ao Brasil até os dias atuais, a presença da televisão nacional e de seus conteúdos no cotidiano dos brasileiros é algo inegável, perpassando a função de mero eletrodoméstico. A base conceitual do trabalho é a ampla referência bibliográfica sobre esta temática. Desta maneira, serão enfatizados os programas exibidos pela TV como recursos capazes de despertar o interesse dos alunos, podendo ser abordados de maneira satisfatória, no que diz respeito ao conteúdo pedagógico enquanto aliado no processo de educação formal.

Palavras Chave: interação; práticas educativas; TV.

Introdução

O uso da televisão para transmitir conteúdos educacionais começou no final da década de 1960 e início dos anos 70. Exatamente durante o período considerado auge do regime militar, a televisão, que já tinha uma ideologia, passou a ser utilizada com obje-

¹ Mesa apresentada na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém Graduada no Curso de Radialismo da UFS, bolsista do CNPq. E-mail: spinely_aju@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFS. E-mail: claudinhaoliveira@hotmail.com.

⁴ Co-orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da UFS, doutorando em Ciências Sociais UFRN. E-mail: matheusfelizola@infonet.com.br.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Núcleo de Pós-graduação em Meio Ambiente da UFS, Doutora em Educação pela UFRN. E-mail: marjonaso@ufs.br.



tivos específicos. Nas escolas, tornava-se comum citar notícias de telejornais para exaltar o regime ou denunciar o que não era divulgado.

Foi no final dos anos 70 que a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Padre Anchieta lançaram, em rede nacional, o Telecurso 2º Grau⁶, ultrapassando os então bastante utilizados cursos por correspondência. A partir de então, a televisão aparecia efetivamente, porém ainda de forma tímida, no universo educacional. Somente no início dos anos 90 ela voltaria a se destacar com programas voltados para o contexto educativo, inclusive com programas infantis das TVs educativas, que alcançaram elevados índices de audiência.

Apesar de na atualidade a televisão estar presente em quase todos os lares brasileiros, seu potencial educacional ainda é pouco utilizado, de fato, nas escolas. Potencial este que não diz respeito somente aos programas cujos conteúdos são especificamente educativos, uma vez que diante do fascínio que ela exerce nas crianças, e com ele o interesse despertado para conteúdos voltados ao público adulto, levar a televisão para sala de aula tornou-se uma ação que vai além da simples presença, ou ausência, do aparelho transmissor. Desta maneira, faz-se necessária uma ampla abordagem sobre a utilização dos conteúdos das emissoras de TV nas salas de aula.

Apesar dos diferentes papéis que possuem na sociedade, a TV e a escola têm aproximações, pois, enquanto a TV detém um grande potencial de comunicação, a escola, apesar de não centralizar mais a transmissão do saber e da cultura como fazia no passado, ainda mantém a função de formação do aluno. A experiência televisiva faz parte do cotidiano de professores e alunos, e é com base nessa premissa que Napolitano resalta a escola como sendo o

⁶ O Telecurso 2º Grau surgiu em convênio com a Fundação Padre Anchieta em 1978, oferecendo ao Estado aulas de 15 minutos de duração levadas ao ar diariamente por 39 emissoras da Globo e TVs Educativas. Em 1981 foi criado o Telecurso 1º Grau, que passou a ser transmitido paralelamente ao outro, sendo que, em 1995, ambos foram substituídos pelo Telecurso 2000. Atualmente, está sendo exibido o Novo Telecurso, considerando-se uma nova fase do tradicional programa, com a inclusão das disciplinas de filosofia, artes plásticas, música, teatro e sociologia, além de cursos profissionalizantes.



lugar onde não só se deve reproduzir conhecimentos, mas também desenvolver a competência para produzi-los. Com base na força de informação e na vasta presença da televisão, a escola tem motivos mais que suficientes para tratar essa característica criticamente, enriquecendo seu próprio fazer pedagógico (NAPOLITANO, 2003, p. 26).

De acordo com Guareschi, é vasta a quantidade de informação que as crianças da chamada “era da informação”⁷ recebem e não têm maturidade suficiente para filtrá-las, processá-la e usá-la em seu benefício, e os que usam “(...) não o associam com a aprendizagem escolar, sendo que um é inerente ao outro” (2005, p. 22).

A escola na atualidade

A escola⁸, enquanto instituição de educação formal, ao longo de sua existência, desempenhou basicamente três papéis distintos. Primeiro, estaria o de redentora, responsável por grandes transformações tanto individuais quanto sociais; depois o de reprodutora das desigualdades sociais, assim como da aceitação delas como uma espécie de predestinação; e hoje, estaria desempenhando seu papel sob os aspectos de uma visão dialética, capaz tanto de reproduzir quanto de transformar ao mesmo tempo. Desta maneira, na contemporaneidade, como transformadora, a escola que antes era vista como espaço destinado apenas à reflexão e discussão de temas estritamente ligados às disciplinas do currículo, vê-se transbordada por assuntos ligados aos interesses da coletividade, principalmente gerados pelo alto avanço da tecnologia, representada pelos meios de comunicação de massa. É o que, na perspectiva de Bacegga, faz com que o ambiente escolar deixe de ser um lugar privilegiado, “(...) sacralizado de acesso à informação e ao

⁷ Para o autor, são chamadas de crianças da “era da informação” aquelas em que já nos primeiros anos de vida, o contato com os conteúdos da TV se dá como forma de babá eletrônica. Sendo o eletrodoméstico responsável por entreter, que neste caso se resume a prender a atenção da criança, durante boa parte do dia. Desta maneira, a criança cresce com uma série de aprendizados preliminares oriundos das temáticas e linguagens da TV.

⁸ Bourdieu (1998) define a escola como sendo um espaço de reprodução das estruturas sociais e de transferência de capitais de uma geração para outra. Desta maneira, o autor vê, na escola, o ambiente aonde as crianças chegam com variadas quantidades e qualidades de conhecimento trazidas de casa, além de várias “heranças”, como a postura corporal e a habilidade de falar em público.



conhecimento e passe a ser um espaço onde o ‘aprendente’ desenvolve a capacidade de interrelacionar informações construindo e reconstruindo conhecimentos” (1997, p.43).

Uma das maiores críticas feitas à escola atualmente é seu distanciamento em relação ao contexto das crianças, uma vez que estas chegam à sala de aula já familiarizadas com os conteúdos divulgados pela mídia, sobretudo da televisão, o que ainda é ignorado pelas instituições de ensino. Autores como Freire e Napolitano defendem a idéia de que a escola precisa considerar a realidade existencial das crianças como ponto de partida para qualquer proposta pedagógica.

Napolitano destaca que desde o século XIX até meados do século XX, a escola foi considerada hegemônica no processo de formação e transmissão de valores, atitudes e conteúdos de conhecimentos básicos. No entanto, este processo teria sido paulatinamente ‘compartilhado’ com a mídia, especialmente com a televisão, que apresenta uma mescla de interesses ideológicos e comerciais “(...) boa parte dos objetivos e dos papéis tradicionais da escola se transferiu para a TV, acirrando a crise da instituição escolar e o questionamento de sua eficácia e lugar nas sociedades de massa contemporâneas” (2003, p. 18).

A proposta da contemporaneidade visa incorporar as temáticas apresentadas na televisão ao ensino diário da sala de aula, aproveitando-se da rapidez da informação, das imagens, da diversidade de linguagem, das pesquisas e reproduções de fatos e tantas outras abordagens, que bem utilizadas poderão resultar na associação dos conteúdos dinâmicos e atuais veiculados pela TV, às temáticas abordadas nas salas de aula. Moram diz que a midiabilidade⁹ é um dos principais problemas a serem pensados pela escola: “(...) não se trata de tentar dissipar a influência da mídia na vida das pessoas, mas de

⁹ Conforme Napolitano (2003), entende-se por midiabilidade a existência de um campo social onde haja o predomínio da mídia, sobretudo da mídia eletrônica, catalisando um conjunto de experiências e identidades sociais, ao qual todos nós estamos sujeitos. Caracterizando-se ainda, como fenômeno que implica dificuldade em estabelecer fronteiras definidas entre a experiência enraizada nas relações sociais mais tradicionais, e àquelas vivenciadas através da mídia.



explicitar este fenômeno e fornecer alguns pressupostos críticos, valorizando elementos culturais que muitas vezes o aluno já possui” (1993, p. 16).

Para Napolitano (2003), o uso da televisão como instrumento de educação justifica-se por sua indiscutível importância na sociedade brasileira, uma vez que ela tem um aspecto abrangente e pode ser utilizada em todas as disciplinas, pois apresenta subsídios para tratar de qualquer assunto, seja ilustrando aspectos históricos, humanos, sociais e científicos, assim como no comportamento da humanidade mediante aos acontecimentos mundiais. Nessa perspectiva, a televisão aparece como uma oportunidade de democratização¹⁰ dos conhecimentos e da cultura, ampliando os horizontes e as leituras de mundo, não apenas dos alunos, mas de todos que compõem a comunidade escolar. Para tanto, Napolitano (2003) ressalta que o uso dessa ferramenta, como qualquer outra, requer planejamento, objetivos definidos e participação de todos.

Guareschi (2005) afirma que diante de crianças inseridas em ambientes cujas formas de conhecimento ultrapassam os meios tradicionais (livros didáticos e salas de aula), os processos educativos atuais precisam de modificações urgentes. Dessa maneira, o autor explana que, a respeito do fascínio que a TV exerce sobre as crianças em idade escolar,

esta mídia deve permear os processos educativos da mesma forma como acontece com a leitura e escrita convencional. Desde a idade mais tênue a criança precisa ser estimulada a leitura crítica do que vê na televisão e vídeo, as produções apresentadas as crianças desde as séries iniciais precisam ser refletidas, seus temas devem trazer ensinamento e não condicionamento ou alienação. O profissional de educação dos novos tempos deve saber utilizar essas produções para instigar o censo crítico de seus alunos (GUARESCHI, 2005, p. 21).

¹⁰ Neste contexto, o termo democratização foi empregado no sentido de ser a televisão um instrumento através do qual as mais variadas informações estão ao alcance das pessoas indistintamente. Contudo, não abrange o sentido de uma “democratização das mídias”.



No que se refere à midiabilidade, Moram (1993) diz que, principalmente durante a infância, este processo, sem a devida mediação, tende a criar ícones no imaginário infantil, o que, segundo ele, resulta na compreensão do universo televisivo como um mundo de sonhos, que tende a ser introduzido na visão e nas vivências cotidianas dos alunos. Para reforçar esse pensamento, Veiga (1996) observa que o planejamento adequado para o uso dos recursos possíveis mediante a utilização da TV vai além do assistir e selecionar conteúdos, sendo necessário que os alunos sejam informados sobre aspectos que os situem, para que possam assistir à programação com o olhar aguçado, sendo acrescidos, posteriormente, com informações complementadas através de discussões sobre o tema.

As análises a respeito da TV costumam ser feitas a partir de comparações entre ela e outras instituições sociais, como a escola, por exemplo. De acordo com Eco (2006), os estudos realizados sobre a TV, suas características, funções e efeitos, na maioria das vezes, apresentam-se polarizados e de forma um tanto radical. Assim, de um lado de tais posições antagônicas, costumam ser formulados conceitos que tendem a atribuir à TV "culpas" as mais diversas e das mais diferentes naturezas, ou então "solução" para todos os males e sérios problemas, sejam eles de natureza social, cultural, psicológica e mesmo pedagógica. Mas especificamente no que diz respeito à escola e ao ensino de forma geral, essas opiniões mais extremadas chegam a atribuir à TV a maior parte da "culpa" por certos problemas e fracassos que comumente são observados na educação formal.

A educação precisa caminhar ao lado das inovações tecnológicas, com o intuito de poder formar cidadãos críticos, seletivos e construtores de conhecimentos, valores e comportamentos. E um dos meios de tornar esta proposta eficaz, é utilizando a televisão e os desenhos animados para o público da educação infantil, pois, o conteúdo dos desenhos é um veículo para se trabalhar fatores que envolvem a vida em sociedade (FISCHER, 2005, p. 196.).

Veiga (1996) ressalta que a escola e a TV ainda não estabeleceram uma integração produtiva, de acordo com as relevâncias sociais de ambas, na formação de futu-



ras gerações. Distanciamento que resulta no fato de uma nem outra exercer seu papel integralmente dentro da sociedade, pois a televisão, na atualidade, é um fortíssimo instrumento de educação informal, como salienta Baccega:

A televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e família o processo educacional, tornando-se um importante agente de formação. Ela até mesmo leva vantagem em relação aos demais agentes: sua linguagem é mais ágil e está muito mais integrada ao cotidiano: o tempo de exposição à televisão costuma ser maior do que o destinado à escola ou a convivência com os pais (BACCEGA, 2000, p. 95).

Na ação específica das práticas escolares, o próprio entendimento do que seja ‘educação’ vê-se ampliado em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre modos de existência, de comportar-se, de constituir a si mesmo, seja para os diferentes grupos sociais, em especial para as populações mais jovens, realizam-se com a contribuição inegável dos meios de comunicação.

Estes meios, em específico a TV, não constituem apenas uma das fontes básicas de informação e lazer, pois se trata de um lugar extremamente poderoso no que faz referência à produção e à circulação de uma série de valores, concepções e representações. Dessa maneira, torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da TV configuram-se também como lugares de formação, ao lado de instituições como a escola, a família e as congregações religiosas.

Desta feita, a TV, na condição de meio de comunicação social voltado às massas, detentora de uma linguagem específica, ou ainda na simples condição de eletrodoméstico manuseado por todos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas, mais enfaticamente, na formação dos alunos das séries iniciais. Destarte, entendemos a televisão como parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações.



A TV na sala de aula

As sociedades atuais vivem inseridas em um ritmo ‘alucinante’ do mundo das imagens e informações. O homem moderno, em constante contato com os meios de comunicação de massa, em especial com a TV, pode manter-se em contínuo processo de aquisição e assimilação de novos conhecimentos. No entanto, apesar do respaldo que os conteúdos da TV possuem, percebe-se que muito se fala sobre os malefícios dela, porém, pouco se faz para que as possibilidades educacionais da televisão sejam trabalhadas em sala de aula. Tendo em vista esta perspectiva, Zuin amplia o conceito de educação, ao dizer que esta “(...) não se limita à esfera formal, mas está presente também em todas as outras relações sociais que necessitam de algum tipo de processo de aprendizagem” (1999, p. 53).

A televisão está presente na escola não tanto por aparatos físicos, mas pela cultura e por hábitos de uma geração de crianças que compartilham da mesma vivência audiovisual que enfatiza a emoção, o interessante, o inesperado, o entretenimento e a rapidez na aquisição das mais variadas informações. Esta nova cultura ‘midiatizada’ leva às crianças uma série de informações prévias a respeito de assuntos aos quais talvez jamais tivessem conhecimento dentro do ambiente escolar. “(...) a educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível, a não ser nos lugares onde pendura alguma placa na porta com o seu nome” (BRANDÃO, 2006, p. 16).

Levar a televisão para a sala de aula a partir dos conteúdos detentores do interesse e fascínio do público infantil, priorizando uma análise de como as coisas são processadas e estruturas, estudar as notícias e os conteúdos transmitidos para questionar sua verdade, impõe-se como um imperativo à escola atual. É necessário alfabetizar as crianças, de maneira a promover o aprofundamento da competência para a leitura e análise,



em vários níveis, do texto televisual, da mesma forma que se espera que o texto escrito seja lido, analisado, compreendido e criticado.

Freire (1979) propõe conhecer a realidade da criança no sentido de compreender as diferenças culturais existentes em sala de aula para que o educador possa melhor trabalhar os conteúdos. A realidade que o aluno conhece e vive não é somente aquela empiricamente apreendida; é também a realidade sonhada, a das idéias, das crenças, das emoções, das aspirações, das fantasias, dos desejos. Segundo ele, a escola possui as condições teóricas e práticas de executar a tarefa de educação para a TV, pois é responsável pela elaboração das aprendizagens e pela coerência da informação, uma vez que detém a legitimidade cultural e as condições práticas de ensinar a lucidez e a criticidade às novas gerações.

Para educadores, ensinar as crianças a assistir à televisão pode ser compreendido como ensinar a ler a mensagem audiovisual veiculada. É preciso compreender este novo desafio da escola dentro de um contexto de leitura. As crianças precisam lidar, dentro do ambiente escolar, com a leitura dos diferentes meios, e não só com a leitura da palavra escrita. Além de formar leitores da narrativa literária, a escola também precisa ensinar a criança a ler a narrativa televisiva.

Para Freire, um educador numa abordagem progressista¹¹ deve conhecer e, sobretudo, discutir a televisão para saber usá-la, pois “o mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito”. No entanto, vale ressaltar que não se trata de um procedimento simples, uma vez que as instituições de ensino superior ainda não abordam de maneira sistemática a formação dos novos educadores para a inserção deles no ambiente midiático.

¹¹ Segundo Freire, abordagem progressista é aquela que instiga o diálogo e a discussão coletiva como essências para uma aprendizagem significativa que contemple os trabalhos coletivos, as parcerias e a participação crítica e reflexiva dos alunos e dos professores.



Com a inclusão da televisão na sala de aula e sua integração ao processo de educação formal, será aproveitado o que cada uma oferece de melhor, deixando de lado suas limitações. Ferrés (1996) destaca que uma das vantagens de incluir a televisão na escola é o fato de tornar o ensino significativo, pois o ato de assistir à televisão é uma atividade à qual as crianças dedicam a maior parte do tempo, e sendo a televisão um elemento decisivo na formação do imaginário coletivo das novas gerações, aprender a partir dela poderá facilitar e reforçar a aprendizagem, uma vez que auxilia a criança a vincular os novos conteúdos a outros já enraizados em sua mente.

Outra vantagem é a de prolongar o processo de ensino-aprendizagem para além dos muros escolares, pois ao adquirir na escola o hábito de situar as imagens da televisão dentro de um contexto de assimilação e conceituação ativa, ou seja, de análise crítica, a reflexão tenderá a surgir espontaneamente quando assistirem a imagens semelhantes fora da sala de aula, pois o processo de educação não se restringe à escola, prolongando-se para os demais ambientes sociais. A importância maior da inclusão do potencial pedagógico do discurso televisivo na ação docente é a de formar um telespectador mais crítico e exigente quanto à forma e ao conteúdo da TV. A respeito da intencionalidade da pedagogia, torna-se plausível dizer que cabe ao educador aceitar que estamos sujeitos à ação da mídia, inclusive na formação da identidade das crianças, e partir para educar pela e para TV.

Ao analisar-se a televisão, para além de simples eletrodoméstico, e sim enquanto elemento crucial da cultura contemporânea e essencial na formação dos sujeitos, percebe-se que essa presença não deixa à parte as crianças. Não se pode mais ignorar a presença da televisão na constituição do cotidiano das pessoas desde as primeiras idades. Para Postman, não existem restrições para se assistir televisão, pois entender as imagens é uma faculdade inerente a todos, uma vez que ela não exige nenhuma forma de racionalidade elaborada para ser compreendida: “(...) a televisão, por não possuir restrições – e quando as simboliza faz no sentido de provocar maiores olhares –, acaba escancarando



todos os segredos do mundo adulto que, desde o século XVI, foram preservados das crianças” (1999, p. 106).

A televisão não só atua no sentido de apresentar o mundo para a criança, mas também como espaço de socialização, o que para Belloni, caracteriza-a como sendo um “(...) espaço privilegiado de transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças e das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento” (2001, p. 33). O autor afirma ainda que a televisão possui um papel muito importante também na dimensão semântica do processo de socialização, na medida em que fornece as significações, preenchendo o universo simbólico das crianças com imagens irreais a partir de representações do mundo vivido:

As significações transmitidas pela televisão, através das personagens e das histórias, são apropriadas, assimiladas e reelaboradas pelas crianças, a partir de suas experiências. Podendo estas, integram-se ao mundo vivido no decorrer de novas experiências (BELLONI, 2001, p. 34).

É importante perceber que a televisão pode ser um instrumento pedagógico para os educadores, pelo fato de ela ser considerada uma referência presente no contexto familiar da criança, e pelo fato de a criança chegar à escola com informações advindas de escuta, do ato de assistir aos programas televisivos. No entanto, muitas vezes as crianças não conseguem dialogar com outros sujeitos para tirar dúvidas a respeito do que assistiram na televisão. Assim sendo, os educadores precisam ter consciência da utilização da TV como ferramenta e recurso pedagógico, de modo a contribuir para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e físico do aluno. A escola deve estar atenta e aproveitar essa tecnologia a seu favor.



Um passo importante a ser dado pela escola é acompanhar e orientar a criança no processo de entendimento dos signos¹², e ultrapassar o nível da consciência ingênua¹³, atingindo o nível da consciência crítica. É necessário que a escola integre parte da programação da TV dentro do processo educativo, e, portanto, utilize-a como uma ferramenta pedagógica.

De acordo com Fischer (2005), é preciso elucidar para os alunos que a TV não é só um veículo, mas também uma produtora de saberes¹⁴ e formas especializadas de se comunicar. Assim, é uma função nitidamente pedagógica o ato de olhar criticamente para a televisão possibilitando ultrapassar as evidências e assim poder ir além do que nos é dado ver de imediato.

A transmissão eletrônica de informações em imagem-som propõe uma maneira diferente de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento, como se devêssemos acordar algo adormecido em nosso cérebro para entendermos o mundo atual, não só pelo conhecimento fonético-silábico das nossas línguas, mas pelas imagens-sons também (FISCHER, 2006, p. 37).

Leite ressalta que “(...) diante da presença e do interesse que a TV desperta nas crianças, as instituições educativas precisam discutir a questão da influência do conteúdo dela na educação formal” (2005, p. 102). O conteúdo da TV não é o único determinante na formação deste “sujeito”, porém, ela tem uma ressonância concreta na vida das pessoas e grupos sociais, porque pode responder, momentaneamente e de maneira su-

¹² Peirce (2000) concebe o signo como algo de natureza aberta, quer dizer, é qualquer coisa de qualquer espécie que seja - um pensamento, ação, imagem, palavra, enfim, qualquer coisa pode funcionar como signo na medida em que está para outra coisa, seu objeto, que também pode ser qualquer coisa, definindo-se como objeto porque se torna presente pela mediação do signo. Ele só é signo porque representa alguma coisa que não é ele. Está no lugar de algo que é diferente dele. Está no lugar do objeto.

¹³ Corresponde a um princípio de tomada de consciência da realidade não mais por meio da fantasia e sim daquilo que é concreto. De acordo com Freire (1987), o primeiro contato do homem com o objeto cognoscível não acontece por meio da consciência crítica. Sua primeira aproximação espontânea com o mundo se faz por meio da consciência ingênua. O desenvolvimento da consciência crítica requisita que se ultrapasse essa esfera espontânea da apreensão da realidade para que o homem, numa posição epistemológica, possa adentrar-se nessa realidade e conhecê-la em profundidade.

¹⁴ O termo saberes aqui empregado faz referência à possibilidade de a criança interessar-se por assuntos, como música, artes ou esportes, por intermédio de um “conhecimento” inicial, adquirido através do conteúdo televisivo.



perficial, às suas necessidades, expectativas e desejos. As linhas de estudo do conteúdo da TV, sobretudo aquelas desenvolvidas em escolas, devem estar voltadas para a análise, mediante um trabalho intenso e sistemático, com ênfase no desenvolvimento dos conteúdos dos programas identificados como preferidos por cada grupo de estudantes em questão, aguçando uma recepção crítica e reflexiva.

Para Freire (2001), aprender é uma aventura criadora, portanto, muito mais rica que repetir a matéria dada. É pensar em construção e reconstrução a todo o momento da prática docente. O educador precisa envolver-se no processo educativo de maneira a que compreenda que o homem é multidimensional e munido de saberes e interesses próprios. E com isso percebe que a criança encontra-se amplamente inserida nesse contexto midiático e que precisa ter esse interesse instigado e utilizado de modo a beneficiá-la em seu desenvolvimento pessoal.

Considerações finais

Faz-se necessário a construção de um processo de educação para a mídia, de modo a formar espectadores que possam compreender e interpretar de maneira crítica as informações contidas nas imagens e histórias mostradas pela TV, primeiro passo para diminuir os riscos de manipulação que esse meio pode apresentar. Para tanto, é imprescindível levar em consideração que esta deve ser uma educação para e por meio da TV. Por isso, é importante inserir na escola o estudo da TV e seus conteúdos, deixando de negar sua presença no cotidiano dos alunos e transformando-a em um meio que oportunize e contribua à formação deles.

Alunos, pais e professores são sempre telespectadores neste contexto. No entanto, é muito comum que estes últimos assumam posturas e discursos de críticas à TV. Apesar de lhe atribuir as mais diversas culpas, “(...) ao chegar a seus lares, facilmente se



entregam, acriticamente, fascinados aos suspiros das novelas e às falácias dos telejornais. Não sendo, contudo, correto afirmar que esta fascinação momentânea acarrete danos irreparáveis” (NAPOLITANO, 2002, p. 12). O acesso à televisão está muito facilitado, e seu alcance não restringe nenhuma classe econômico-social. Os alunos, sejam estes de escolas públicas ou particulares, chegam às salas de aula repletos de informações adquiridas da TV. É como se os alunos já chegassem à escola alfabetizadas, não na alfabetização¹⁵, que implica a escritura, mas na alfabetização audiovisual.

Nessa perspectiva, Pacheco adverte que a importância da educação e, consequentemente, do educador em assumir o compromisso é ir além de uma prática instrumentalizadora sobre os meios de comunicação e entretenimento, ou seja, para ela “(...) hoje, o desafio para a educação vai além do desafio de ensinar com modernas ou tradicionais tecnologias; inclui a realidade que elas comunicam e representam, além da comunicação que propiciam entre as pessoas” (2006, p. 49). Para tanto, o trabalho pedagógico insere-se justamente na tarefa de discriminação, que inclui desde uma abertura à fruição das crianças a respeito daquilo que pensam sobre aquilo que as instigam nos programas de TV, até um trabalho sobre a construção de linguagem em questão, assim como sobre as informações, emoções e sentimentos reunidos nesses conteúdos.

A televisão ocupa hoje um lugar de destaque na vida das crianças, por isso é preciso pensar no espaço que ela pode ocupar na escola. Desta maneira, cabe às instituições de ensino pensar em incluir o material veiculado pela televisão como mais uma fonte de estudo. Sendo assim, ela, que em muitas salas de aula é tratada tão somente como um eletrodoméstico, cujo elevado potencial pedagógico/comunicacional é amplamente negligenciado, poderá inclusive fazer parte do contexto dos mais variados assuntos, capaz de promover uma maior aproximação entre educadores e educandos, uma vez que ambos possuem em comum algum tipo de interesse pelos conteúdos televisivos.

¹⁵ Neste caso, a alfabetização entendida como o conhecimento resultante da comunicação generalizada que a criança assimila principalmente por meio da sociedade e dos meios de comunicação.



Referências Bibliográficas

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: Senac São Paulo, 2000.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação.** Campinas: Autores Associados, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados.** São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV.** 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Atlântico, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 20ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. **Pedagogia do Oprimido.** 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Educação e mudança.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GUARESCHI, Pedrinho, **Mídia & Democracia.** Porto Alegre: Evangraf, 2005.
- LEITE, Dante Moreira. **O desenvolvimento da criança: leituras básicas.** 3ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 2005.
- MORAN, José Manuel. **Leituras dos meios de comunicação.** São Paulo: Pancast, 1993.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2002.
- PACHECO, Elza Dias. **Televisão, criança, imaginário e educação.** Campinas: Papyrus, 1998.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola.** Campinas: Papyrus, 2003.
- ZUIN, Antonio Álvaro Soares. **Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia.** Campinas: Autores Associados, 1999.